

## **A EDUCAÇÃO E O IDOSO: PERSPECTIVAS PARA NOVAS APRENDIZAGENS**

Profa. Dra. Maria Stela de Araújo Albuquerque Bergo  
Universidade Federal de Sergipe –  
GT 16 (Educação e Representações sociais)-apoio CNPq.

As iniciativas recentes em inserir e re-inserir o idoso nos bancos acadêmicos por meio de programas especiais voltados para a terceira idade têm sido numerosas e bem sucedidas em outros países, da mesma forma como tem ocorrido no Brasil, mesmo que de formas diferentes nas diversas regiões e peculiaridades das Universidades que efetivaram os projetos de Universidade para a Terceira Idade. Na Universidade Federal de Sergipe essa iniciativa está sendo colocada em prática por meio do Núcleo de Pesquisa e Ações para a Terceira Idade, instância ligada à Pró-Reitoria de Extensão desta Instituição e que conta, em seu projeto curricular, com aprendizagem e atividades de informática.

Com essa perspectiva, a educação e a re-inserção do idoso na vida acadêmica, convivendo com alunos jovens e currículos de disciplinas pré-estruturadas trouxe à tona a questão das crenças socialmente construídas a respeito do indivíduo na terceira idade, especialmente aquelas que influenciam no oferecimento de oportunidades a essas pessoas, e o conseqüente entrelaçamento com os aspectos psicológicos que envolvem a auto-estima, o afeto, as emoções e a predisposição do idoso em viver sua vida de forma agradável, bem como a forma esses aspectos influem na educação.

Por outro lado, um tema bastante discutido atualmente, devido às inúmeras implicações decorrentes, é o crescimento rápido do envelhecimento da população mundial. É previsto que, nesse ritmo, por volta de 2050, pela primeira vez na história da espécie humana, o número de pessoas acima dos 60 anos será maior que o de crianças abaixo dos 14 anos. Segundo os últimos dados da ONU, a população mundial deve aumentar, dos 6 bilhões no ano de 2000, para 10 bilhões em 2050. No mesmo período, o número de pessoas com mais de 60 anos deverá triplicar, passando de 600 milhões para 2 bilhões, ou seja, quase 25% da população do planeta terá essa idade ou mais. (Cedipod, 2002), de modo que a educação do idoso passou também a merecer a atenção de especialistas da área.

Além disso, pesquisas recentes mostram que cresce o número de idosos aposentados que buscam uma nova profissão a partir dos 60. As carreiras mais procuradas são Turismo, Psicologia, Informática, Literatura e Artes, segundo dados obtidos por Bergo et al. (2001), mostrando também que a socialização do idoso é prática fundamental para a preservação de sua saúde física e mental, uma vez que o processo de envelhecimento implica em alterações funcionais e comportamentais, os quais afetam os seres humanos de maneiras diferenciadas. Mesmo no envelhecimento tardio, tanto do ponto de vista fisiológico quanto na aparência e na ausência de doenças, na última fase da vida, as pessoas tornam-se relativamente menos ágeis, mais vulneráveis à ação do ambiente e mais dependentes dos recursos da cultura.

Doenças que afetam o sistema músculo-esquelético ou afecções decorrentes de doenças cardiovasculares, cérebro-vasculares e metabólicas podem, segundo estudos (Salgado, 2000), gerar dificuldades e limites adicionais para as pessoas que vão envelhecendo. Mesmo na ausência de limitações no campo cognitivo, os idosos portadores de patologias estarão cada vez mais em situação desvantajosa em relação aos demais familiares e comparativamente às demais fases anteriores de sua vida. Suas dificuldades de adaptação serão proporcionais às suas limitações, cognitivas e físicas, da mesma forma que às condições emocionais/afetivas, especialmente quanto à utilização dos recursos oferecidos pelo ambiente para compensar tais desvantagens. Cada um buscará suas próprias estratégias para tentar dar conta dos limites e dificuldades que sua condição lhes impõe. Para isso, os recursos da medicina prometem aumentar a longevidade e qualidade de funcionamento biológico, levando o indivíduo de 60 anos a ter que se preocupar menos com as dores e mais com as atividades que lhe proporcionem prazer e utilidade social. Por ora, os países com menos recursos quanto ao avanço nesse tipo de longevidade, buscam incluir os indivíduos que envelhecem, inserindo-os em atividades mais próximas de uma inclusão social.

Lorda (1998) esclarece que é um equívoco inferir que os idosos não são criativos, pois há evidências de que muitos artistas, músicos, escritores e cientistas produziram grandes obras após os 70 (setenta) anos (Bethoven, Picasso, Verdi, Wistin Churchill, dentre outros), concluindo-se, com isso, que a idade não determina, por si só, a criatividade e a capacidade de aprender do ancião. Lorda (1998) também indica que a idéia de que os idosos não são produtivos emergiu na sociedade

capitalista, que valoriza o indivíduo sob o critério da produção material. Para ele, é possível haver uma velhice saudável, ou seja, sem a presença de um conjunto de doenças que a essa idade são associadas.

Muitas pesquisas atuais afirmam que as funções psicológicas modificam-se de forma diversa no decorrer da vida e assim questionam e duvidam da voz corrente que apregoa a diminuição da capacidade intelectual na velhice.

As funções psicológicas atingem seu ponto máximo em momentos diferentes. Assim, por exemplo, na juventude predominam as funções que podem ser definidas como a inteligência fluida (agilidade mental, capacidade de combinação, orientação em situações novas) e com a idade aumentam as faculdades compreendidas no conceito de inteligência cristalizada (conhecimentos gerais, saber com base na experiência, vocabulário, compreensão de linguagem). Desse modo, algumas teorias afirmam que além de não haver diminuição do rendimento intelectual, produz-se uma modificação qualitativa, ou seja, surgem outras modalidades do complexo ato de pensar. Neste período vital, como em outros, por exemplo, na infância, um estimulante é fundamental para a manutenção das faculdades intelectuais. (Griffa & Moreno, 2001, p.110).

O processo de adaptação do idoso às novidades que se apresentam dependerá, especialmente, das histórias pessoais de saúde e doença pelas quais passou e no modo como as enfrentou, das condições educacionais a ele oferecidas, as quais aproveitou ou deixou de aproveitar, do apoio do ambiente familiar e social, e, especialmente, dos recursos econômicos que lhe permitam ter o acesso a tecnologias que contribuam para a compensação das dificuldades cada vez maiores que lhe serão impostas pelo envelhecimento.

As crenças que o indivíduo idoso detém sobre si mesmo, suas relações com o mundo em que vive, além de suas expectativas sobre seu desempenho e seu futuro, contribuem de forma significativa para a qualidade de vida. A experiência direta e a interação social resultam na construção de uma nova identidade que se modifica, à medida que o indivíduo envelhece ou as características físico-anatômicas se modificam sensivelmente durante o processo de envelhecimento. As perdas, em geral, são mais sentidas e lamentadas. Os ganhos, ao contrário, são escassos ou pouco percebidos, com exceção daquelas atividades que antes não eram executadas e que agora esse indivíduo aprende ou re-aprende e atribui especial valor daqui por diante.

À medida que são confrontados os modos de como o velho se percebe e o que atribui aos outros como percepções sobre si são, entretanto, fundamentais, especialmente devido ao grau de concordância atribuída a essas duas construções pelo idoso. Bandura (1986) já apontava que o ajustamento do indivíduo que envelhece depende sobremaneira da auto-estima e do sistema de crenças construído nesse processo.

Finalmente, considere-se como enfoque deste estudo, o fato de que no Brasil a exclusão social de determinados indivíduos começou a ser combatida, com a promulgação da Constituição Federal em 1988, em que se fala em direitos humanos, cita a mulher, a criança, o índio, o negro, o idoso e a pessoa portadora de deficiência como exemplos privilegiados de “diferentes” que merecem respeito e as mesmas oportunidades dadas aos idosos como “normais”. Tais dispositivos, entretanto, não erradicaram ainda as práticas clássicas e bastante resistentes à mudança do confinamento e institucionalização. As novas políticas educativas são aquelas que, juntamente, com políticas de inclusão, favoreceram aprovações, em nível legislativo, quanto à eliminação de barreiras arquitetônicas e de equiparação de oportunidades para o convívio pleno das pessoas portadoras de deficiência física na sociedade, dos deficientes mentais, dos surdos e cegos, além das iniciativas de aumento na inclusão de negros no âmbito educativo. Muitos desses grupos se organizam em movimentos sociais, que ainda buscam a atenção da sociedade para a necessidade de políticas públicas apropriadas, acrescentando a essa luta o grupo de idosos.

A representação social do envelhecimento como *não-trabalho* reflete a crença de que a aposentadoria significa o começo da exclusão social. É observada a valorização do trabalho como uma prerrogativa da juventude, e de acordo com alguns pesquisadores da Gerontologia Social (Neugarten & Hagestad e Tobin, 1976) esse tipo de crença e a conseqüente valorização da etapa da juventude é percebida especialmente entre aquelas pessoas idosas que viveram muito centradas no trabalho e na profissão, de forma paradoxal.

No processo de aprendizagem durante o envelhecimento, várias questões se apresentam. Uma delas, que vem sendo atualmente bastante enfatizada, tem sido a aprendizagem do uso do computador como ferramenta de trabalho ou de comunicação e fonte de informação, inseridos nos cursos das universidades abertas para a terceira idade. Tais questões residem na compreensão da forma pela qual essa aprendizagem afeta seu sistema de crenças e sua representação social. Como

estão se sentido os idosos que estão aprendendo a usar o computador e mesmo aqueles que já usam a máquina por um certo tempo? Como sua percepção do mundo das suas relações com familiares, amigos, companheiros de mesma faixa etária ou mesmo outros usuários da informática, é construída?

A integração do idoso nessa sociedade tem sido negligenciada quanto à continuidade de aquisição e produção do saber. Aqueles que não puderam realizar ou alcançar o nível universitário, bem como aqueles que já o concluíram, têm tido a oportunidade de vivenciar ou re-vivenciar a convivência no meio acadêmico por meio das universidades para a terceira idade. Os programas mais recentes têm sido enfocados no mundo todo, no sentido de valorizar o idoso, através de políticas públicas e sociais, proporcionando oportunidade a estes de uma vida com maior dignidade e segurança, livres de exploração e maus-tratos, por meio de valorização dos tratamentos específicos dos indivíduos que envelhecem, independentemente de suas capacidades sociais e econômicas, bem como se observa que serviços de atenção à saúde buscam formas de retardar o aparecimento de enfermidades e velhice precoce.

A educação permanente cria novas possibilidades as metas de vida dos idosos, em razão que, a partir do processo de reflexão sobre o complexo sistema sócio-político-econômico, o idoso constrói uma nova consciência de si mesmo, percebe as suas potencialidades e, conseqüentemente, obtêm uma melhor qualidade de vida.

O presente estudo analisa a educação do idoso inserido na problemática atual do rápido crescimento do índice de envelhecimento mundial da população. A análise das representações sociais contidas nos relatos de oito idosos da cidade de Aracaju, que têm completo o ensino médio como nível de escolaridade mínima, com mais de 60 anos e que lidam com computadores, como informatas ou como usuários, mostrou as percepções de mudanças em suas vidas, bem como o sentido dessa mudança. Os dados obtidos apontam no sentido de que as aprendizagens nas escolas de computação ou nos grupos das universidades para a terceira idade se constituírem em uma nova forma de participação, mais do que de “distração e comunicação”, bem como sinônimo de “progresso” e de acompanhar a “evolução do mundo”.

De forma específica, o objetivo do estudo foi verificar, por meio de análise de conteúdo de respostas de idosos com mais de sessenta anos que lidam com

informática, as interferências da família, colegas e as relações descritas pelo sujeito, referentes ao uso do computador na terceira idade.

## **METODOLOGIA**

Participantes: Para a realização deste estudo, foram entrevistados 10 (dez) idosos com 60 anos ou mais, buscados nas empresas de informática, nos grupos de convivência e de aposentados da cidade de Aracaju, que tivessem o ensino médio como nível de escolaridade mínima e que lidassem com computadores, seja como informatas ou como usuários. É interessante ressaltar que da amostra de 30 sujeitos projetados inicialmente, o que se conseguiu obter, mediante busca exaustiva em Aracaju, feita por quatro auxiliares de pesquisa, durante dois meses, foi apenas a amostra acima mencionada.

Instrumento: Foram aplicados aos idosos que concordaram em conceder essa forma de entrevista, um questionário composto de 14 (quatorze) questões, sendo que 3 (três) exigiam respostas objetivas e 11 (onze) respostas abertas. Foi dada a opção do uso do gravador, mas foram rejeitados tais instrumentos, decisão que foi respeitada. Os pesquisadores, preparados para entrevistas abertas, anotaram as observações efetuadas também com comentários à margem da questão mencionada.

Procedimento: As entrevistas foram agendadas com anuência dos indivíduos assim que localizados, por meio de informantes dos grupos, cursos e associações dos aposentados. Foi encontrada uma grande dificuldade na anuência por parte de vários integrantes de cursos de informática, os quais se desculpavam usando motivos com a clara intenção de despistamento, apesar de garantido o anonimato e do objetivo do estudo. Muitas entrevistas agendadas foram canceladas ou o entrevistado não comparecia. Tal dificuldade, diferente do procedimento comumente executado pela mesma equipe que vem pesquisando para o grupo de pesquisas responsável pelo presente trabalho, pode indicar certa resistência na divulgação ou exposição, que será analisado no final deste trabalho.

## RESULTADOS

Os dados obtidos evidenciaram que 83% dos indivíduos entrevistados revelaram sentimentos positivos em relação ao computador, embora 50% evidenciem ainda receios quanto ao seu uso.

Do total, 60% acreditam que sua vida mudou em sentido positivo, no sentido de acrescentar, melhorar e atualizar. 25% dos entrevistados utilizam o computador de forma solitária. 30% acreditam que o uso diferenciado quando está com o grupo e 25% respondem que não existe essa diferença. A família os incentiva (90%) nesse uso.

Atribuem a colegas de cursos ou grupos de convivência, bem como aos amigos, apenas atitudes de incentivo (100%), no sentido de se surpreenderem com sua capacidade de lidar com a informática, de acreditarem que essa prática os ajuda quanto ao auxílio mútuo, à participação, como forma de distração e comunicação, bem como sinônimo de progresso e de acompanhar a evolução do mundo.

Alguns resultados quantificados são exibidos nos gráficos e tabelas a seguir:



Gráfico 1: mudanças relatadas pelos idosos, após a aprendizagem e utilização do computador

como instrumento de trabalho, comunicação, distração ou obtenção de informações.

Tabela 1: relatos das reações percebidas pelo idoso em relação aos amigos e colegas, sobre sua aprendizagem por meio do computador.

RELAÇÃO COM AMIGOS E COLEGAS		
tipo	fr	%
acham-na uma pessoa batalhadora	1	7
ajudam, participam e incentivam	2	17
apoiam como distração e comunicação	1	7
surpreendem-se	1	7
acham bom	1	7
acham normal	1	7
é auxílio mútuo	2	17
percebem como progresso e evolução	2	17
acham que fico muito tempo no computador	1	7
acham que devo me dedicar mais	1	7
total	13	100%

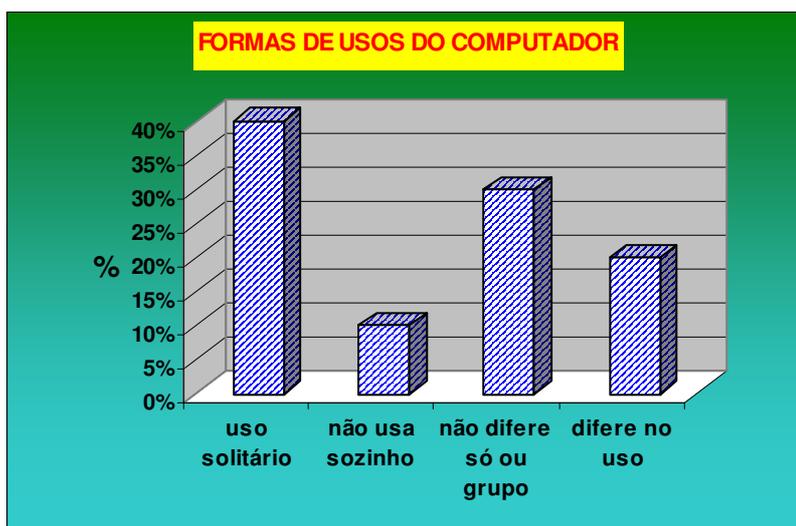


Gráfico 2: relatos das formas como os idosos usam o computador

Tabela 2: Sentimentos relatados pelos idosos, quanto ao uso do computador

<b>SENTIMENTOS EM RELAÇÃO AO USO DO COMPUTADOR</b>		
tipo	fr	%
sente-se bem e confortável	3	22%
sentimento de progresso	1	7%
sensação de atualização	1	7%
sente como passatempo	1	7%
sente-se comunicando com o outro	2	15%
de que proporciona facilidades	1	7%
sentimento de realização pessoal	1	7%
problemas: cansaço e dor nas mãos	1	7%
aborrecimento com problemas na máqui	1	7%
sente-se uma pessoa moderna	1	7%
Sente-se como um aprendiz	1	7%
<b>total</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>

Em geral, o uso do computador não é compartilhado, mas utilizado de forma solitária, confrontando com os dados das demais tabelas que mostram as vantagens do uso da máquina como forma de os amigos se ajudarem e auxiliarem mutuamente, proporcionar prazer e conforto e, principalmente, fonte de comunicação com seus amigos.

As mudanças relatadas devido à utilização do computador, forma quantificadas na forma apresentada na Tabela 3, abaixo:

**Tabela 3: Mudanças relatadas pelos idosos sobre o tipo de vida**

Após iniciar a aprendizagem e/ou uso do computador.

<b>MUDANÇAS NO TIPO DE VIDA APOS O COMPUTADOR</b>		
tipo	fr	%
<b>não houve</b>	<b>3</b>	<b>16%</b>
<b>mudança para melhor :</b>	<b>7</b>	<b>40%</b>
melhorou	3	16%
acrescentou	1	6%
atualizou	3	16%
facilitou	1	6%
<b>mudança para pior</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
<b>total</b>	<b>18</b>	<b>100%</b>

Os relatos dos idosos que lidam com o computador mostraram que a representação social desses indivíduos está diretamente ligada ao desempenho, às crenças e expectativas que atribuem aos outros, especialmente à família, aos

amigos e aos jovens. Mostram otimismo com a nova aprendizagem, que em nada contribui para trazer qualquer aborrecimento ou mudar para pior qualquer aspecto de sua vida, percebendo como acréscimos, facilidades, atualizações – que por sinal são valores representativos dos discursos jovens – que são verbalizações presentes em seus relatos. Problemas, se os há, situam-se no âmbito estrutural, inexorável, do físico (tanto dele quanto da máquina: “ *me aborreço quando fico com dor nos dedos, nas juntas das mãos...*” ou “... *fico irritado quando há problemas no computador, na máquina.*”), frente ao qual não tem ingerências. Não precisa esforçar-se para derrubar esses problemas porque não dependem dele, não estão centrados em sua (boa ou má) performance.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Um estudo desta natureza levou à análise e reflexão de que, embora os idosos que estão em processo de aprendizagem ou de uso já consagrado do computador, tenham se mostrado satisfeitos com este contato, percebeu-se que o número de pessoas idosas que tem acesso a informática ainda é muito pequeno, pelo menos na cidade de Aracaju e, por extensão, em Sergipe. E isto foi percebido no momento de procurar sujeitos que se enquadrassem dentro do perfil que procurávamos. Embora pequena a amostra, percebeu-se que os usuários da computação estão satisfeitos, são valorizados pela família e pelos amigos por esse especial conhecimento e se constitui em mais uma forma alternativa de comunicação que contraria a expectativa de muitos que acreditam ser um meio de isolamento.

Nessa etapa de considerações, é interessante lembrar Foucault (1993), para o qual todo sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação, da mesma forma como é colocado em relações de poder muito complexas. Para o autor, ao contrário das relações de produção e de significação, o poder não oferece instrumentos claros que possibilitem o seu estudo, mas o que se oferece como recurso são os modelos legais de pensar o poder, dado como principal representante o Estado. O poder é constituído historicamente, como prática social, não existindo, segundo o autor, uma teoria geral sobre o poder, pois ele se exerce, se disputa e funciona em forma e modo de rede. Poder é uma rede de relações e tal caráter relacional do poder implica em resistências dentro da própria rede de poder, de intenções, de ações. Nesse contexto, a resistência de grande parte dos idosos

contatados para a entrevista que se negaram, fugiram, despistaram, possa ser explicada. E nessa perspectiva também é que se enfatiza a representação social dos idosos por meio do processo educacional e do uso de tecnologias, como forma de garantir sua participação sem as ingerências próprias do preconceito da exclusão social que vem acompanhando nosso atual modelo. As mudanças, entretanto, podem e devem ser estimuladas.

Com relação à re-inserção do idoso na área educacional, por meio das universidades abertas da terceira idade, tem sido colocado que esta iniciativa, dentre as inúmeras alternativas que vêm sendo propostas para a reintegração de grupos socialmente segregados, quanto ao envelhecimento das pessoas, pode gerar também alguns impasses para o sujeito desse questionamento. A solução da reintegração do idoso ao mercado de trabalho, por meio de ações como a que ora é abordada – utilização do computador pelo idoso - comporta uma aspiração de que isso se constitua em via eficaz, mas os idosos que o conseguem, também podem ser objeto de segregação entre os demais que não têm condição de fazê-lo. A expectativa despertada por essa via pode acentuar, ao invés de amenizar, a questão da aceitação da velhice, onde os jovens toleram, mas não confiam verdadeiramente nos velhos (Bergo et al.,2001). Esse é um aspecto a ser posteriormente melhor estudado, merecendo reflexões específicas, que não tiram, contudo, a relevância desse tipo de alternativa.

O presente trabalho, integrado às demais pesquisas do grupo, buscaram contribuir com a implantação da Universidade Aberta da Terceira Idade, já iniciada pelo Núcleo de Pesquisa e Ações para a Terceira Idade, na Universidade Federal de Sergipe, buscando melhor compreender e incluir o indivíduo que envelhece e aprende, no projeto de re-inserção do idoso na Educação.

Como já foi abordado inicialmente, qualquer tipo de atitude preconceituosa contra os idosos é uma forma de vir a se constituir um fator determinante que influencia nas políticas e práticas sociais discriminativas, segregadoras ou, na pior das hipóteses, paternalistas e qualquer iniciativa que volte a reintegrar o idoso no âmbito educacional só pode favorecer que esse estigma se reverta na idéia da inclusão social e educacional, dentro do conceito de cidadania participativa.

## BIBLIOGRAFIA

BANDURA, Albert. **Social foundations of thought and actions: a social cognitive theory**. New Jersey: Prentice Hall, 1986.

BERGO, Maria Stela A, CUNHA, Elza C, SALES, Claudete S e ALMEIDA, Lícia Vasconcelos de (2001). **Idosos-proposta e possível público alvo para uma Universidade da Terceira Idade**. Cianorte-Paraná: Artigos do I Seminário Internacional de Educação, Ed. Universidade Estadual do Paraná, 2001, p.1712-1716

CEDIPOD - **Centro de Documentação e Informação do Portador de Deficiência**. [online]. Disponível na Internet. URL: <http://www.mbonline.com.br/cedipod> . Disponível em 20/09/2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Grall Hill, 1993.

GRIFFA, Maria Cristina, MORENO, José Eduardo. **Chaves para a psicologia do desenvolvimento, tomo 2: adolescência, vida adulta, velhice**. São Paulo: Paulinas,2001.

LORDA, C. Raul e SANCHEZ, Carmem Delia. **Recreação na Terceira Idade**. Rio de Janeiro: Ed. Sprint, 2ª edição, 1998.

NEUGARTEN, B. L., HAVIGHURST, R. J., TOBIN, S. S. The measurements of life satisfaction. **Journal of Gerontology**. V. 16, pp. 134-143, 1961.

SALGADO, Marcelo Antonio. **Conceituação da Velhice**. Cidadania: textos para debate. Página da WEB, acessado em 20 de outubro de 2000. Disponível no site: <http://www.intelecto.net/cidadania>.

Palavras-chave: idosos e informática – educação do idoso – universidade da terceira idade

**Pesquisa realizada com apoio do CNPq**

**Diretório Grupo do CNPq: Grupo de Estudos sobre o Deficiente, a Educação Especial e o Idoso.**

Email de contato: [stebergo@infonet.com.br](mailto:stebergo@infonet.com.br)